

BENEDICTO MARIA TOLOSA E A DEFESA DO ENSINO DA LEITURA PELO MÉTODO ANALÍTICO (1894-1923)

BENEDICTO MARIA TOLOSA AND THE DEFENSE OF READING TEACHING THROUGH THE ANALYTICAL METHOD (1894-1923)

Fernando Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de São Paulo
fernando.oliveira13@unifesp.br

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história da alfabetização no estado de São Paulo, focaliza-se nesse artigo aspectos relativos à atuação de Benedicto Maria Tolosa em defesa do ensino inicial da leitura pelo método analítico. São apresentados aspectos da trajetória profissional desse professor, diretor e inspetor escolar, bem como seus textos publicados em revistas pedagógicas entre 1894 e 1918 e a cartilha de sua autoria, *Cartilha de alfabetização*, publicada em 1923. As análises permitem compreender o modo como Tolosa atuou em defesa da superioridade da marcha analítica para a alfabetização, tendo ele papel importante na construção de uma nova tradição fundada nas primeiras décadas do século XX em torno da hegemonia desse método como o mais moderno e o mais científico para se ensinar a ler.

Palavras-chave: Benedito Maria Tolosa; Ensino da leitura; Método analítico; História da Alfabetização

ABSTRACT

In order to contribute to the production of a history of literacy in São Paulo State, this article focuses on aspects of Benedicto Maria Tolosa's work in defense of the teaching of reading through the analytical method. It presents aspects of the professional trajectory of this teacher, director and school inspector, as well as his texts published in pedagogical journals between 1894 and 1918 and his primer, *Cartilha de alfabetização*, published in 1923. The analyzes allow us to understand how Tolosa acted in defense of the superiority of the analytical march for literacy, having an important role in the construction of a new tradition founded in the first decades of the 20th century around the hegemony of this method as the most modern and scientific way to teach reading.

Keywords: Benedito Maria Tolosa; Reading teaching; Analytical method; History of literacy

Introdução

Reconhecida como um importante símbolo da modernização social, política, econômica e cultural que se pretendia para o Brasil nos anos finais do século XIX, a escola ocupou lugar decisivo no projeto republicano de remodelação da sociedade brasileira, sendo a essa instituição atribuído o papel central de civilizar o povo.

Nesse contexto, em 1889, com a proclamação do novo regime, o estado de São Paulo, de forma pioneira e modelar, iniciou a reforma de seu sistema de instrução pública mediante a implementação de um moderno aparelho de ensino voltado à promoção da educação popular. Explica Souza (2008) que os dispositivos legais instituídos nesse estado a partir de então

incorporaram princípios liberais da educação, estabelecendo a obrigatoriedade, a gratuidade e a laicidade do ensino primário, além do compromisso com a expansão da escola como meio para ampliar as oportunidades educacionais e consolidar a nação brasileira pelos princípios cívico-patrióticos.

Diretamente associados a essas inovações de caráter mais administrativo, organizacional e estrutural, no âmbito das práticas de ensino, novos métodos e processos foram adotados como essenciais para a efetivação da escola primária, em especial o método intuitivo e o método analítico. Com isso, a Escola Normal de São Paulo e a Escola Modelo anexa a ela formaram o epicentro irradiador da nova pedagogia científica e o serviço de inspeção escolar se tornou o responsável pela orientação e fiscalização do ensino sob as novas bases pedagógicas.

Essas mudanças impulsionaram a necessidade de novos materiais didáticos específicos e coerentes com a modernização da escola, como meio de garantir a uniformização das práticas escolares e sua adequação aos pressupostos do ensino simultâneo e da oferta de conteúdos pautados na lógica “intuitiva” (RAZZINI, 2008). Em face disso, no que compete especificamente aos livros, o governo do estado de São Paulo estabeleceu ainda no final do século XIX a obrigatoriedade de uso de cartilhas e livros para leitura por parte dos alunos, criando um mecanismo de controle da circulação desses materiais mediante sua aprovação por pareceres emitidos pelas comissões de avaliação (OLIVEIRA; TREVISAN, 2014).

Nessa conjuntura, em que as cartilhas e os livros de leitura foram postos no centro das adoções oficiais e dos interesses das editoras (RAZZINI, 2008), verifica-se, de um lado, a consolidação do mercado editorial voltado aos livros didáticos (RAZZINI, 2008), de outro, o surgimento de um tipo específico de escritor didático profissional, os professores normalistas, “os quais partilhavam dos progressos pedagógicos e, muitas vezes, do ‘círculo do poder’ educacional do Estado de São Paulo.” (MORTATTI, 2000, p. 87).

Esses escritores didáticos/professores eram geralmente formados pela Escola Normal de São Paulo ou a ela vinculados, sendo suas cartilhas e livros de leitura fundamentados, em uníssono, no método analítico, com variação apenas na forma de se processar a marcha analítica (a partir da palavra, a partir da sentença ou partir da historieta). Com isso, explica Mortatti (2000) que, mais do que simples autores de um tipo de livro didático à serviço da escola elementar, esses professores se impuseram decisivamente na fundação de uma nova tradição no que corresponde ao ensino da leitura no país, tradição essa calcada no entendimento de que

[...] o método analítico para o ensino da leitura é o melhor, porque sintetiza todos os anseios do “ensino moderno”, ou seja: é o mais adequado às condições biopsico-fisiológicas da criança, “à marcha natural do desenvolvimento do espírito humano”, proporcionando um aprendizado que tem o professor como guia e a “redenção intelectual” da criança como fim. (MORTATTI, 2000, P. 134).

A fundação dessa tradição, complementa Mortatti (2000), deveu-se à atuação desses sujeitos a partir de propostas para o ensino da leitura pelo método analítico concretizadas nas cartilhas que escreveram, assim como nos debates que promoveram sobre as bases e os fundamentos em torno desse método, tematizados e divulgados em revistas pedagógicas. É nesse contexto que se insere Benedicto Maria Tolosa, abordado neste artigo.

Professor, diretor e inspetor escolar com trajetória profissional marcada pela incessante divulgação e defesa do método analítico para o ensino da leitura, ele figura entre os principais nomes do

professorado paulista e dos escritores didáticos da Primeira República partícipes da fundação dessa tradição. No entanto, sua atuação profissional e sua produção didática permanecem inexploradas na historiografia corrente, carecendo de estudo detalhado que componha quadro dos escritores didáticos do período¹.

Em face disso e com o objetivo de contribuir para a produção de uma história da alfabetização no estado de São Paulo, focaliza-se nesse artigo a atuação de Benedicto Maria Tolosa em defesa do ensino inicial da leitura pelo método analítico, com enfoque na sua trajetória profissional, nos seus textos publicados em revistas pedagógicas entre 1894 e 1918 e na cartilha de sua autoria, *Cartilha de Alfabetização*, publicada em 1923, pela Monteiro Lobato & Cia Editores.

1. De tipógrafo a inspetor escolar: aspectos da vida e da trajetória profissional de Tolosa

Nascido em 03 de dezembro de 1868², na cidade de São Paulo, Benedicto Maria Tolosa possivelmente advém de uma família pouco convencional ou de pouca relevância no âmbito do cenário político, econômico e social do século XIX paulistano, uma vez que são inexistentes as informações sobre suas origens e seus vínculos pessoais anteriores ao casamento e ao ingresso na carreira do magistério.

Referenciado como um “homem feito pelo próprio esforço”³, acentua esse entendimento o fato de constar nos seus registros civis apenas o nome da mãe, Maria do Carmo Tolosa⁴, permanecendo a identidade de seu pai desconhecida. Também embora conste nesses registros que Tolosa⁵ era um homem de cor branca, segundo o deputado Nogueira Jaguaribe⁶ ele era “mulato”, fato ignorado pela imprensa da época e o que pode explicar em partes as lacunas sobre a vida pessoal desse professor.

Apesar da interrogação que paira sobre a infância, a juventude e as relações familiares de Tolosa, sabe-se que ele iniciou sua carreira profissional como tipógrafo do jornal *Correio Paulistano* na década de 1880, para subvencionar sua família.

De modo conciliado a esse trabalho, ingressou em 1888 na Escola Normal de São Paulo, que havia sido reaberta em 1880⁷ e se consolidava à época como uma das mais importantes instituições de debate sobre a reorientação da instrução pública brasileira pela pedagogia moderna e pelas bases do positivismo e do liberalismo (TANURI, 1979; MONARCHA, 1999).

1 Dentre os trabalhos que tratam da atuação de Benedicto Maria Tolosa, tem-se apenas os de: Mortatti (2000), no qual há um tópico com breve apresentação do autor e de alguns de seus artigos; e o de Reis (2015), resultante do levantamento da produção escrita desse professor. Outros trabalhos no campo da história da educação matemática contêm apenas menção a Tolosa, em especial a seu livro *Caderno de problemas arithmeticos*.

2 Embora a data de nascimento de Benedicto Maria Tolosa não conste em nenhum registro, no jornal *Correio Paulistano*, em edição de 04 e dezembro de 1927, há homenagem em razão de seu aniversário ocorrido “no dia anterior”, portanto, em 03/12. Além disso, em sua certidão de óbito, datada de 1940, consta que Tolosa faleceu aos 72 anos. O cruzamento desses dados possibilita presumir que o nascimento de Tolosa tenha se dado no ano de 1868, no dia 3 de dezembro.

3 Em nota publicada na ocasião da morte de Benedicto Maria Tolosa, o jornal *Correio Paulistano* afirma ser esse “distinto” professor um “Homem feito pelo próprio esforço”, o que alude, por um lado, à dedicação de Tolosa na Instrução Pública, por outro, à possível conquista de uma carreira promissora e de sucesso em função do próprio esforço e não por ser simplesmente bem nascido.

4 De acordo com a nota de falecimento de Maria do Carmo Tolosa, além de Benedicto Maria, eram seus filhos: Felipe Loureiro, agente de teatro, e Antonio Natividade Costa, funcionário do Teatro São José (CORREIO..., 1916, p.3).

5 Daqui em diante, sempre que me referir a Benedicto Maria Tolosa utilizarei apenas o seu sobrenome.

6 Nos *Annaes da Câmara dos Deputados* datado de 1906, consta registro de uma reclamação feita pelo deputado Nogueira Jaguaribe, referente a um ato administrativo disciplinar contra Benedicto Maria Tolosa. Ao fazer uma breve apresentação desse professor primário, afirma que Tolosa é um homem mulato (BRASIL, 1907).

7 A Escola Normal de São Paulo foi criada em 1846, com apenas um professor e com curso de duração de dois anos. Dada sua precariedade e pouca eficiência, foi fechada em 1867 pelo governo provincial. Em 1874, a Escola Normal de São Paulo foi reaberta junto à Academia de Direito de São Paulo, porém, foi fechada novamente em 1878 por falta de recursos. Após dois anos fechada, a Escola Normal de São Paulo foi reaberta de maneira definitiva, funcionando até a extinção do ensino normal no estado (TANURI, 1979; MONARCHA, 1999).

Após frequentar o curso Normal com duração de três anos, Tolosa diplomou-se professor em 1891 juntamente com outros 41 normalistas, dentre os quais estavam Oscar Thompson, Arnaldo de Oliveira Barreto, Antonio Rodrigues Alves Pereira, João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior e João Francisco Pinto e Silva (CORREIO..., 1942, p. 2), que se tornaram nomes de grande relevância no cenário educacional de São Paulo.

Sobre os egressos da Escola Normal de São Paulo desse período, afirma Monarcha (1999) que eles configuraram o escol do professorado paulista que assumiu, além do magistério nas escolas complementares e nos ginásios, os postos técnico-burocráticos e políticos da instrução pública. Com isso, produziram novos conhecimentos aplicados à educação a partir da produção e disseminação, por exemplo, de cartilhas, manuais e artigos em revistas pedagógicas, nos quais problematizam e apresentam reflexões sobre os métodos e técnicas de ensino, as bases psicológicas e fisiológicas da educação e a organização escolar e do ensino em geral.

Também fez parte da turma de normalistas da qual fez parte Tolosa, em 1891, a jovem Garibaldina Pinheiro Machado, oriunda de uma “das mais importantes famílias” do estado (BRASIL, 1907, p. 116), com quem ele veio a se casar possivelmente nos anos subsequentes à conclusão do Curso Normal. Cabe notar com relação à atuação profissional dessa professora, conforme aponta Meneses (2012), que se cruza até 1900 com a de Tolosa em todas as escolas e cidades por onde ele passou, tendo sido ela a única mulher diplomada em 1891 a conquistar a nomeação de diretora de escola, na seção feminina do Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, de Botucatu, em 1896⁸.

Com o casamento, Tolosa e Garibaldina tiveram cinco filhos, sendo o primeiro, Benedicto Pinheiro Machado Tolosa, nascido em 1895, no período em que o casal residia no interior do estado, na cidade de Botucatu. Depois desse, nasceram, entre 1898 e as primeiras décadas do século XX: Adherbal Pinheiro Machado Tolosa; Alvaro Pinheiro Machado Tolosa; Helena Tolosa Bianchi; Annibal Pinheiro Machado Tolosa; e João Baptista Pinheiro Machado Tolosa. Dos cinco filhos que tiveram: os dois primeiros formaram-se médicos, inclusive lecionando medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; o terceiro atuou como industrial; os dois mais jovens formaram-se advogados; e a única mulher formou-se professora primária (CORREIO..., 1940, p. 5).

Em relação à atuação profissional de Tolosa, logo após a sua diplomação, foi nomeado em 1892 pelo então diretor da Escola Normal de São Paulo, Gabriel Prestes, professor adjunto da Escola Modelo do Carmo, anexa à Escola Normal de São Paulo, fundada em 1890 e dirigida por Miss Márcia P. Browne⁹. Essa nomeação se deu em conjunto com a de Oscar Thompson e Garibaldina Pinheiro Machado, para também atuarem na mesma instituição (CORREIO..., 1892, p. 2).

Ao que tudo indica, Tolosa permaneceu na função de professor adjunto por pouco tempo, pois, de acordo com o *Almanak histórico-literário do Estado de São Paulo*, ele ocupava no início de 1895 o cargo de professor auxiliar da Diretora da Escola Modelo anexa à Escola Normal, a professora Miss Márcia P. Browne. Também nesse período, entre 1892 e 1895, conforme registros do jornal *Correio Paulistano*, Tolosa candidatou-se a um cargo de professor do curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, porém, embora tenha sido aprovado nos exames cujos resultados se encontram registrados nesse jornal, nunca chegou a ser contratado para o cargo.

8 Antes disso, Garibaldina Pinheiro Machado havia sido professora da Escola Modelo anexa à Escola Normal de São Paulo, em 1894, e professora da 1ª escola de Botucatu, em 1895. Também atuou no início do século XX na 1ª escola do sexo feminino de São Manuel e no Grupo Escolar de São Manuel do Paraíso (MENESES, 2012).

9 Por indicação de Horácio Lane, a professora norte-americana Marcia Priscilla Browne foi contratada em 1890 para dirigir a seção masculina da Escola Modelo do Carmo, tendo assumido também a direção da seção feminina um tempo depois em substituição a Maria Guilhermina de Loureiro, com a missão de implantar em São Paulo a moderna metodologia americana, em especial o método intuitivo. “Rica, independente, autoritária, sem medo dos homens, impetuosa e ao mesmo tempo compassiva e boa estranha figura de idealista e realista”, Miss Márcia P. Browne simboliza o “rastro de luz” que fez impulsionar a instrução pública paulista a “crescer”, “subir”, “disciplinar” e se “instruir” (POLIANTEIA, 1946, p. 95)

Depois de três anos atuando na escola que tinha como papel servir de referência para todo o estado, Tolosa foi designado em março de 1895 para assumir o cargo de professor da 2ª Escola da cidade de Botucatu, no interior paulista. Na ocasião, possivelmente por já estar casado com Garibaldina Pinheiro Machado, esta também assumiu o cargo de professora na mesma escola, mediante permuta realizada com a professora Antonina de Almeida.

Pouco menos de um ano depois da mudança, Tolosa foi nomeado em 12 de fevereiro de 1896 diretor da seção masculina do Grupo Escolar de Botucatu, tendo permanecido no cargo até o final do século XIX, quando se mudou para São Manuel do Paraíso¹⁰, para assumir o cargo de professor da 3ª escola isolada do sexo masculino. Nessa cidade, em janeiro de 1900, foi nomeado o primeiro diretor do Grupo Escolar “Dr. Augusto dos Reis”, resultante da reunião das três escolas isoladas do município de São Manuel do Paraíso (SÃO PAULO, 1907-1908).

Apesar dessa carreira inicial bastante promissora, com designação para cargos de destaque na capital e no interior do estado de São Paulo, em 1906, enquanto ocupava o cargo de diretor do Grupo Escolar “Dr. Augusto dos Reis”, Tolosa foi alvo de um processo disciplinar sob a acusação de utilizar-se de sua posição de maneira contrária ao bem do serviço público. Na ocasião, o então inspetor geral do ensino, Virgílio Reis, foi incumbido de instaurar uma investigação, tendo ouvido 21 testemunhas, além do acusado (BRASIL, 1907). Após os trâmites processuais, o relatório final apontou que Tolosa:

[...] dedicava uma grande parte de seu tempo a discussão de politicagem local; 2º, que negociava com cadernos e outros materiais escolares; 3º, que deixava de mencionar nas folhas de pagamento as faltas dadas pelos adjuntos, fato tanto mais grave por tratar-se de faltas de comparecimento de sua senhora, que também é adjunta do mencionado grupo. (BRASIL, 1907, p. 121)¹¹.

Em face disso, Tolosa foi condenado à pena de demissão, em conformidade com o artigo 478, parágrafo 3º, do Regulamento da Instrução Pública do Estado de São Paulo (Decreto n. 218, de 27 de novembro 1893):

Artigo 478. - A pena de demissão importará a perda do direito de exercer as funções do magisterio publico e será decretada quando o professor publico: [...] § 3.º - Servir-se de documentos falsos para justificar informações inexactas sobre o estado de sua escola, viciando declarações nos mappas e nos livros de escripturação escolar ou deixando-as subsistir quando devam ser alteradas (SÃO PAULO, 1893, s.p.).

Tolosa recorreu de sua condenação, apresentando provas de que não havia coagido seus alunos a comprarem livros numa livraria em específico e que as faltas de sua esposa haviam sido justificadas em razão do nascimento de um de seus filhos. Ao que tudo indica, porém, o processo sofrido por Tolosa tinha motivação política, envolvendo o então presidente do estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá, tanto que seu caso foi objeto de debate no Congresso Nacional no ano de 1906, num embate entre os deputados Nogueira Jaguaribe e Adolpho Gordo.

Embora não tenham sido localizados registros do desfecho do processo disciplinar sofrido por Tolosa, é possível presumir que o recurso apresentado por ele obteve sucesso, pois em março de 1908 ele foi nomeado professor da 3ª Escola do Pary, na capital paulista, tendo deixado o cargo já em maio do mesmo ano. Esse fato decorreu da nomeação de Tolosa como diretor das escolas reunidas do Bom Retiro, cargo que assumiu em junho de 1908.

10 Atualmente esse município denomina-se São Manuel.

11 Em todas as citações presentes neste artigo foi preservada a ortografia de época ou conforme consta nos documentos aqui transcritos.

No ano seguinte, 1909, Tolosa assumiu o cargo de diretor do Grupo Escolar do Bom Retiro, função que desempenhou até 3 de fevereiro de 1911, quando foi nomeado inspetor escolar durante a gestão de Oscar Thompson como Diretor Geral da Instrução Pública. Até então, atuavam no estado de São Paulo 11 inspetores escolares, os quais haviam sido nomeados entre 1898 e 1910. Na ocasião da nomeação de Tolosa, também foi nomeado inspetor escolar o professor Arnaldo de Oliveira Barreto, seu ex-colega de turma na Escola Normal¹².

Após sua nomeação, Tolosa passou a responder pela fiscalização da zona da Capital, conjuntamente com Domingos de Paula e Silva, Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal. Durante o período em que exerceu a função de inspetor escolar, sua área de jurisdição foi se alterando, tendo ele passado, por exemplo, por diferentes zonas do estado, as quais abarcavam cidades, como, Ribeirão Preto, Batatais, Amparo, Campinas, Itu, Pindamonhangaba e Serra Negra.

Como inspetor escolar, em conformidade com a legislação que regulamentava o cargo, o Decreto n. 518, de 11 de janeiro de 1898, Tolosa tinha como principal atribuição controlar e orientar as ações dos professores e diretores das escolas sob sua responsabilidade. Para isso, deveria visitar com frequência as escolas da zona que estava a seu cargo, de modo a impor as penas quando identificasse alguma falta cometida pelos professores ou diretores. Além da fiscalização e do controle da organização do ensino, competia a Tolosa como inspetor escolar, dentre outros, promover conferências públicas e incumbir-se da organização de grupos escolares nas diferentes localidades do estado.

Essa configuração da inspetoria escolar alterou-se somente a partir de 1920, mediante a Reforma Sampaio Dória, instituída pela Lei n. 1.750, de 8 de dezembro. A partir de então, o serviço de inspeção escolar passou a se organizar pelas chamadas delegacias regionais de ensino, sendo elevado a 35 o número de inspetores designados para todo o estado de São Paulo. Também a partir da nova lei, a inspeção escolar assumiu um “papel de renovação do sistema de ensino primário [com] ênfase a seu caráter técnico-pedagógico, além do administrativo” (CHALOPA; PEREIRA, 2019, p. 848).

Apesar dessas mudanças, os inspetores escolares continuaram gozando de um importante prestígio no cenário educacional paulista, sobretudo pelo papel de fiscalização e de representação das autoridades educacionais e políticas do estado onde esses não chegavam. Além disso, os inspetores ocupavam lugar privilegiado no âmbito da instrução pública porque tinham o papel de diagnosticar os problemas existentes nas escolas e propor soluções em consonância com a legislação vigente e em função de suas convicções e ideários pedagógicos. É nesse aspecto que se sobressai a atuação de Tolosa no que se refere ao ensino inicial da leitura pelo método analítico.

De sua experiência como inspetor, Tolosa passou a se preocupar com a orientação aos professores para aplicação correta do método analítico, produzindo diagnósticos sobre os fracassos dessa aplicação e propondo um “systema” a ser utilizado nas escolas para se atingir as “excellencias do methodo” e as “necessidades prementes da alfabetização dos alunos” (TOLOSA, 1923, p. 1). Disso, decorreram algumas publicações, que demarcam a intensa defesa de Tolosa pelo uso do método analítico no ensino da leitura nas escolas primárias paulistas.

Depois de 18 anos de atuação como inspetor escolar, Tolosa aposentou-se em 1929, recebendo diversas homenagens pelos trabalhos prestados à instrução pública paulista desde os tempos em que foi auxiliar de *Miss* Márcia P. Browne. Após a aposentadoria, Tolosa retirou-se do cenário educacional gradativamente, vindo a falecer em 04 de fevereiro de 1940, na cidade de São Paulo.

12 Até 1920, embora a legislação vigente determinava a nomeação de apenas dez inspetores, variou entre 16 e 22 o número de professores designados para essa função.

2. Para a eficácia do método analítico: Tolosa e a formulação de instruções, modelos de lições, diagnósticos e experiências sobre o ensino da leitura

Formado pela instituição que se configurou como símbolo da modernização pedagógica no estado de São Paulo e discípulo direto da professora norte-americana contratada para disseminar os novos métodos de ensino advindos do exterior, Tolosa tem em sua trajetória a marca indelével dos defensores e difusores do método analítico para o ensino da leitura como o mais eficaz para se combater o analfabetismo persistente desde o Império. Em face disso, concomitantemente à sua atuação como professor, diretor e inspetor escolar e a partir da experiência que foi acumulando em decorrência dos cargos que ocupou, dedicou grande parte de sua atenção para tratar dos problemas relativos à aplicação desse método, apresentando orientações para se garantir a eficiência do ensino da leitura pela marcha analítica.

Para tanto, Tolosa utilizou-se especialmente de publicações em revistas pedagógicas, tidas entre o final do século XIX e início do século XX brasileiro, a exemplo do que vinha ocorrendo em outros países, uma “necessidade palpitante” (ESCHOLA PÚBLICA, 1883) para a difusão, de professor para professor, dos pressupostos educacionais defendidos para o período. Essas revistas se prestavam ao propósito de instrumentalizar os professores para a adoção de métodos coerentes com o modelo de escolarização definido pela legislação e pelos gestores da instrução pública (PINTO, 2008), por isso, um meio de conformação de práticas específicas e “espaço de afirmação de correntes de ação e de pensamento educacional” (NÓVOA, 2002, p. 13-14).

Alinhado a essas ideias, Tolosa, em parceria com Oscar Thompson, Antonio Rodrigues Alves Pereira e Joaquim de Sant’Anna, ajudou a criar em 1893 a revista *A Eschola Publica*, a qual tinha como objetivo divulgar práticas pedagógicas exitosas e ofertar modelos de lições em consonância com os ideais educativos da época, em especial o método intuitivo e as lições de coisas. Essa revista, possivelmente por se tratar de iniciativa isolada de quatro professores primários, sem financiamento do estado, teve um ciclo de vida curto, o primeiro entre 1893 e 1894, sendo retomada em 1895 e encerrada por definitivo em 1897 (WARDE, 2022).

Em *A Eschola Pública*, visando a corroborar para a renovação do ensino paulista, Tolosa publicou em janeiro de 1894 o artigo “Um pouco de linguagem”, no qual sistematiza suas primeiras proposições sobre o ensino da leitura em articulação com o método intuitivo. Explica Tolosa (1894) que em edições anteriores da revista haviam sido publicados cinco modelos de exercícios de linguagem, para auxiliar os professores com relação às dificuldades no desenvolvimento do ensino da leitura. Embora reconhecia que nem sempre era possível aplicar um novo método de maneira perfeita, insistia esse professor primário sobre a necessidade de se fazer o máximo de esforço para garantir a “solidificação e conclusão do edifício que começamos de construir” (TOLOSA, 1984, p. 44).

Com isso, Tolosa (1894) faz uma breve revisão dos exercícios anteriormente publicados na revista, de modo a destacar o início do ensino da leitura pela escrita de sentenças, para, em seguida, caminhar para o trabalho envolvendo o nome próprio, as letras iniciais maiúsculas, a formação de siglas e a interpretação de gravuras. Pondera, no entanto, que os cinco exercícios recapitulados são muito pouco para se alcançar os objetivos do ensino da leitura, o que requeria do professor o desenvolvimento de variadas formas de fixação dos conteúdos previstos para esse ensino.

Tolosa (1894) também reconhece que o método que propunha não havia conquistado, ainda, a “simpatia” de todos os professores, sobretudo porque parecia ser mais trabalhoso que os métodos tradicionais ou porque seus resultados pareciam ser mais lentos. Reafirma, no entanto, a superioridade

do método analítico e do método intuitivo em relação aos métodos tradicionais, destacando a experiência exitosa da Escola Modelo anexa à Escola Normal na comparação com as outras escolas paulistas.

É admirável o que os pequeninos de 9 a 10 anos que frequentam as escolas preliminares podem produzir depois dum methodizado ensino. As suas sentenças são singelas, pequenas, mas bem combinadas, e apresentam em geral uma precisão quasi irrephensível no emprego das palavras para dizerem as suas idéas (p. 45).

Tolosa (1894) conclui seu artigo asseverando sobre a necessidade de os “impugnadores do ensino intuitivo” pensarem nos prejuízos que causavam à educação dos pequenos quando acusavam o novo método de ser um “systema de prolixo e estragador do espírito infantil” (p. 45).

Depois da publicação desse artigo, no início do século XX, após voltar a atuar como diretor na capital paulista, Tolosa passou a contribuir com a *Revista de Ensino*¹³, criada em 1902 e mantida pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo e pela Diretoria Geral da Instrução Pública desse estado. Entre 1908 e 1912, Tolosa integrou a Comissão de Redação dessa revista como redator efetivo (MORTATTI, 2000), tendo contribuído com ela até o final da década de 1910. Em função disso, assinou cinco artigos voltados à discussão sobre o ensino da leitura pelo método analítico, todos publicados após assumir o cargo de inspetor escolar.

Os três primeiros artigos de Tolosa na *Revista de Ensino* compõem uma série publicada entre setembro de 1911 e maio de 1912 e se prestam ao propósito de orientar os professores na aplicação correta do método analítico. Explica Tolosa (1911a) que, à época, não se estava mais em questionamento a eficiência da leitura analítica, porém era necessário instruir os professores sobre a melhor forma de aplicar o método proveitosamente.

Dahi a obrigação em que nos achamos de escrever alguma coisa que possa orientar um pouco dos professores públicos, especialmente os noveis, que pela primeira vez se acham em frente de uma classe.

São os professores principiantes os que mais necessitam de que digamos o mais necessário para o ensino da leitura. É o que vamos tentar sem mais preâmbulos (TOLOSA, 1911a, p. 67).

Como orientação inicial para o ensino da leitura, Tolosa (1911a) explica no primeiro artigo da série a importância de se conhecer a turma, a fim de prepará-la convenientemente para acompanhar os trabalhos subsequentes. Defende a necessidade de dividir a turma em classes concernentes ao grau de desenvolvimento das crianças, considerando uma escala de baixo, de médio e de máximo desenvolvimento.

Com isso, para Tolosa (1911a) é possível iniciar o ensino da leitura pela marcha analítica de modo coerente com cada classe, sendo o foco: para o primeiro grupo (baixo desenvolvimento), o registro de sentenças na lousa e a exploração de palestras¹⁴ sobre objetos, nomes pessoais e a localidade onde se insere a escola; para o segundo grupo (médio desenvolvimento), a análise de sentenças e identificação das ideias principais, além do predicado, dos advérbios, das locuções e das palavras com regularidades silábicas; para o terceiro grupo (máximo desenvolvimento), a análise de palavras, decomposição em sílabas e formação de novas palavras.

A partir dessas proposições, a fim de evitar que os professores atuassem pautados pelo “acaso” e pelo “imprevisto”, Tolosa (1911b) dedica o segundo artigo de sua série à apresentação de modelos

13 A *Revista de Ensino* manteve-se em funcionamento até 1919. Sobre ela, ver: Catani (2003).

14 Palestra aqui tem o sentido de exposição ou apresentação. Embora não haja nenhuma relação explícita, pode-se dizer que se trata de uma atividade centrada numa aula expositiva.

de lições, os quais deveriam servir como “sugestões uteis” a todo o “professorado inteligente”. Antes, porém, recomenda o uso dos opúsculos *A leitura analytica*, de Theodoro de Moraes, e *Como ensinar leitura e linguagem*, de Theodoro de Moraes, Mariano de Oliveira, Pinto e Silva e Miguel Carneiro Junior, por entender que se tratavam de materiais que poderiam “aconselhar” os professores que ainda não conheciam de maneira aprofundada os processos da leitura analítica.

Em relação aos modelos de lições apresentados no segundo artigo da série publicada na *Revista de Ensino*, Tolosa (1911b) apresenta três sequências de exercícios, um para cada classe, conforme classificação proposta no artigo anterior (baixo, médio e máximo desenvolvimento). Nesses modelos de lições, descreve de maneira detalhada como deveria ser a condução do exercício, como se pode ver no exemplo abaixo:

PRIMEIRA SÉRIE DE EXERCÍCIOS

Classe em posição.

- *Que dia da semana é hoje?*
- *Segunda-feira ou – Hoje é segunda-feira.*

Obtida a resposta, o professor dirá que vai escrever aquela sentença e escreve-a vagarosamente, pronunciando, com calma e clareza, em voz alta, todas as palavras que compõem a referida sentença.

Em seguida perguntará a cada aluno o seu nome, escrevendo as respostas do mesmo modo.

- *Como é seu nome?*
- *Meu nome é João Vieira.*
- *E o seu? Dirigindo se a um outro.*
- *Meu nome é Antonio Silva.*

E assim fará para uns quatro ou cinco alunos, conforme permitir o tempo.

Para terminar a lição, perguntará à classe:

- *Que dia da semana é amanhã?*
- *Amanhã é terça-feira.*

(TOLOSA, 1911b, p. 146-147, grifos do autor)

Após instruir os professores a partir desses modelos de lições, Tolosa (1911b) encerra seu artigo com a explicação de que era necessário aprofundar o conhecimento dos professores com relação ao efetivo ensino da leitura analítica, o que ele faz no terceiro e último artigo dessa série.

Publicado em maio de 1912, nesse terceiro artigo Tolosa (1912) esclarece que, quando os alunos já se encontram em estágio médio de desenvolvimento, inicia-se, de fato, o emprego do método analítico. Segundo ele, embora nessa fase as crianças consigam ler as sentenças como um todo, é preciso levá-las à análise das palavras, de modo que consigam alcançar a “interpretação dos pensamentos alheios reduzidos á escrita” (TOLOSA, 1912, p. 88).

Por isso, Tolosa (1912) propõe três passos a serem seguidos nas salas de aulas:

- 1) Introdução da *Cartilha*;
- 2) Análises das sentenças, discriminando-lhes, primeiro, oralmente, depois escrevendo-as para serem lidas, as idéas principais: sujeito, predicado, circunstâncias diversas, locuções e palavras.
- 3) Palavras que tenham partes comuns, isto é, começando e terminando pela mesma syllaba, ou syllabas semelhantes.

(TOLOSA, 1912, p. 89, grifos do autor).

Em relação à introdução da cartilha, Tolosa (1912) destaca que esse passo corresponde a um importante momento da formação da criança, pois, além de permitir acesso a um material útil para o estudo de sentenças, instrui os pequenos sobre o valor dos livros e o seu papel no desenvolvimento das “virtudes”.

Em relação à análise das sentenças e estudo das palavras, Tolosa (1912) apresenta alguns modelos de lições por ele criadas com base nas boas experiências que pôde observar na condição de inspetor escolar. Assim como feito no artigo anterior, essas lições são apresentadas de forma detalhada, com instruções de como o professor deve aplicá-las em sala de aula, conforme se vê no exemplo abaixo:

O livro tem figuras. – O relógio tem dous ponteiros. – Eu tenho duas mãos. – A sala tem quatro janelas. Etc. etc.

Analysemos a primeira sentença: - *O livro tem figuras.*

Que é que tem figuras? – Que tem o livro? – A segunda parte da sentença quantas palavras tem? – A primeira palavra?

E no quadro-negro aparecerá:

O livro	O relógio	Eu	A sala
tem	tem	tenho	tem
figuras	dous ponteiros	duas mãos	quatro janelas

(TOLOSA, 1912, p. 94, grifos do autor).

Por esse exemplo pode-se ver que Tolosa (1912) propõe a processuação do método analítico a partir da decomposição das sentenças em sujeito e predicado, para, posteriormente, explorar as circunstâncias expressas em locuções adverbiais. A partir disso, destaca a importância da leitura em voz alta das sentenças já registradas na lousa, para, depois, demarcar as suas partes com base na decomposição feita oralmente. Tolosa (1912) também destaca a importância da “repetição variada” dos mesmos exercícios, pois, segundo ele, é isso que dá “alma ao ensino” (p. 94).

Por fim, Tolosa (1912) conclui a sua série de artigos reafirmando que por meio da aplicação das instruções e orientações por ele apresentadas “poderão as crianças ler desembaraçadamente e inteligentemente qualquer trecho ao seu alcance, que lhe for apresentado.” (p. 100).

Cinco anos após a publicação dessa série de artigos, Tolosa voltou a tratar do ensino da leitura em artigo publicado na *Revista de Ensino*, dessa vez “para estudar as causas dos insucessos verificados” no uso do método analítico e não propriamente para “produzir novos processos para ensino [das] crianças” (TOLOSA, 1917, p. 25).

Para isso, em artigo publicado na edição de junho a setembro de 1917, apresentou um diagnóstico das causas do insucesso na aplicação do método analítico, de modo a esclarecer como os professores deveriam utilizar-se desse método em sua prática pedagógica.

Tolosa (1917) explica que o ensino da leitura deveria ser feito em quatro fases, a da sentença, a da palavra, a da sílaba e a da letra, conduzidas de maneira precisa e cuidadosa para não incorrer nos erros comuns que levavam ao fracasso. Alerta sobre: a disposição das crianças em sala, de modo que conseguissem ter em seu campo visual o registro integral das sentenças no quadro negro; a correta classificação dos alunos do 1º ano conforme o grau de desenvolvimento; a separação dos alunos mais ativos dos mais fracos; e a entrega da cartilha somente depois de 4 ou 5 meses de lições feitas apenas no quadro negro, quando as crianças já souberem ler.

A partir dessas considerações, como adepto convicto das benesses do método analítico, Tolosa (1917) conclui que as causas dos insucessos no uso do método analítico não decorriam das questões materiais ou da própria cientificidade da proposta, mas da imprecisão de sua aplicação.

Em continuidade aos seus diagnósticos sobre o emprego do método analítico para o ensino da leitura, em 1918, na edição de junho a dezembro da *Revista de Ensino*, Tolosa voltou a tratar do assunto, dessa vez para partilhar as novas experiências aplicadas nas classes por ele inspeccionadas.

Nesse artigo, Tolosa (1918) explica que, “procurando a razão dos resultados medíocres”, descobriu no processo com o que o aluno aprende, reconhece e domina as sílabas e os vocábulos, que a sentença não é a essência do ensino, ela serve apenas de “veículo da palavra” (TOLOSA, 1918).

Esse processo mental das crianças passava inteiramente despercebido aos propugnadores do methodo analytico, o que explica a importância que todos dão aos exercícios de decomposição, erroneamente chamados de Analyse. [...]

As experiências realizadas mostram, a quem quer ver, que em uma sentença, cada criança aprende uma palavra determinada, de sua escolha, aquela que mais a impressiona. Assim cada criança aprende um certo numero de palavras [...] Despreocupada da obrigação de dominar sentenças, a sua atenção, acompanhando a analyse que fez a professora, quando escreve a sentença dada pela classe, fixa as palavras, que mais a impressiona, e fica logo de posse de muitas dellas. (TOLOSA, 1918, p. 35).

Para Tolosa (1918), é nesse “fato” que está o segredo do início da aprendizagem da leitura, o que também tinha sido comprovado pelas proposições do professor Raphael Carvalheiro, autor do artigo “O ensino natural de leitura”, publicado na *Revista de Ensino* e escrito com base nos “bons resultados” decorrentes das experiências conduzidas por Tolosa como inspetor escolar.

Embora Tolosa tenha escrito outros artigos sobre o ensino da leitura também publicados em revistas pedagógicas¹⁵, os aqui apresentados permitem compreender seu importante movimento em prol da defesa do ensino da leitura pelo método analítico. Essa defesa encontrou seu ápice e concretude no início da década de 1920, quando ele escreveu *Cartilha de alfabetização*, para atender às “numerosas e insistentes solicitações de distintos collegas” para “concretizar em uma cartilha, as idéias que temos sobre o modo de processar a leitura analytica, no 1º anno primário” (TOLOSA, 1923, p. 3).

3. “Alfabetizar não é somente ensinar a ler por processos mais ou menos mecânicos”: Tolosa e o ensino da leitura em *Cartilha de alfabetização* (1923)

Publicada em 1923 pela Monteiro Lobato & Cia Editores, *Cartilha de alfabetização* teve apenas uma edição, com aprovação de uso expedida imediatamente pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo, tendo essa aprovação permanecido vigente até pelo menos 1936¹⁶.

Vendida, à época, pelo valor de 2\$500, *Cartilha de alfabetização* tem formato 15,5cm x 22cm, impressa em papel jornal e composta por 96 páginas divididas em quatro partes: a primeira, com uma explicação sobre as razões para a cartilha, que funciona como uma espécie de apresentação; a segunda, com as lições propriamente ditas; a terceira, com informações sobre como devem ser praticadas as lições; e a quarta, com “direcções geraes” para o uso da cartilha.

15 De acordo com Reis (2015), Tolosa também teve artigos publicados na *Revista Sociedade de Educação*, em 1924, e na *Revista Educação*, em 1930 e 1944. Sobre esse último, trata-se de uma republicação do artigo de 1918, publicado na *Revista de Ensino*.

16 Conforme consta no Anuário de Ensino de 1936, *Cartilha de alfabetização* teve sua autorização e recomendação de uso expedida pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo em 11 de janeiro de 1923, constando como livro aprovado também na lista de 1936, expedida pela Comissão revisora dos livros didáticos do período.



Figura 1 – Capa de *Cartilha de alfabetização* (1923)

Fonte: Acervo do NIPELL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura

Tolosa (1923) explica que, ao acompanhar de perto as vicissitudes pela qual passou o ensino da leitura na escola primária desde o início de sua carreira, pôde avaliar as dificuldades apresentadas pelos professores e se debruçar sobre alguns insucessos contrabalanceados com os numerosos casos de sucesso na aplicação do método analítico. Disso, formulou um “systema razoável de ensino da leitura”, em conformidade com o desenvolvimento infantil e com as diferentes aptidões dos professores, o qual deu bons resultados “onde bem entendido e regularmente executado” (TOLOSA, 1923, p. 3).

Por ser esse “systema” centrado no quadro negro e na palestra dos professores, Tolosa recebeu inúmeros pedidos dos colegas para convertê-lo numa cartilha, pois as “observações cotidianas” mostravam que a maioria preferia processar o ensino da leitura a partir do livro (TOLOSA, 1923).

Atendendo a esses pedidos, que segundo Tolosa (1923) eram a “expressão clara” da necessidade ainda premente de um material útil ao ensino da leitura, reuniu e deu concretude às suas reflexões e propostas para o ensino da leitura num impresso escolar, “tendo em vista tornar o methodo accessivel a todos os professores, qualquer que seja a sua habilidade tecnica e seu preparo pedagógico.” (TOLOSA, 1923, p. 4). Esclarece, porém, que embora o “systema” que propunha pudesse parecer um trabalho original, era, na verdade, o resultado das observações do trabalho de mais de uma centena de colegas, “meditado e experimentado cotidianamente” em grupos escolares e escolas urbanas e rurais do estado (TOLOSA, 1923, p. 5).

Tolosa (1923) também explicita que sua cartilha, em conformidade com o Decreto n. 3.356, de 31 de maio de 1921, que regulamentou a Reforma Sampaio Dória, instituída pela Lei n. 1.750, de 8 de dezembro de 1920, correspondia ao compromisso “patriótico” de “levar a luz do alfabeto a todos os recantos da nossa terra”, de modo a desenvolver o vocabulário, ensinar a ler bem e dar algumas noções de linguagem escrita a todas as crianças, pois a alfabetização “influencia directa todas as facultades mentaes do povo” (TOLOSA, 1923, p. 4).

Alfabetizar – não é somente ensinar a ler por processos mais ou menos mecânicos. O acto de alfabetizar é um acto assás complexo; [...] é um acto de educação, que deve desenvolver no alumno todas as suas capacidades para a conquista inteligente do meio; é um acto, que dá aos indivíduos, por elle beneficiados, o uso de um instrumento poderoso de vida e de utilidade para si, para a família, para a pátria e, por que não dize-lo para a humanidade toda. (TOLOSA, 1923, p. 4).

Em face dessas explicações, Tolosa (1923) apresenta as lições de *Cartilha de alfabetização* ordenadas em três seções correspondentes a duas fases do ensino da leitura: seção A – 1ª fase – da sentencição; seção B – 2ª fase – da palavração (1º, 2º e 3º passo); e seção C – 2ª fase – da palavração (4º passo).

Para a seção A, disposta entre as páginas 7 e 27, consta indicação da existência de sete lições, embora elas não estejam demarcadas ao longo da cartilha. Para as seções B e C, dispostas, respectivamente, entre as páginas 28-48 e 49-87, não há indicação de quantidade de lições, de modo que o início e o fim dos exercícios podem ser presumidos por um traço que se encontra dividindo as historietas das sentenças e dos conjuntos de palavras.

A partir dessa estrutura, *Cartilha de alfabetização* se pauta no ensino da leitura pelo método analítico, sendo o ponto de partida desse ensino a historieta, ou seja, pequenas histórias compostas por frases simples relacionadas entre si a partir de um tema/mote inicial. Embora a ponto de partida para a marcha analítica não fosse consensual entre os defensores desse método, pois alguns defendiam ser a sentença ou a palavra mais adequadas, o processo baseado pela historieta havia ganhado projeção em São Paulo depois de 1915, a partir da publicação do documento *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytivo – modelo de lições* (MORTATTI, 2000).

Com relação a essas historietas, todas elas são acompanhadas de uma ou mais estampas, as quais devem ser observadas quando os alunos abrem a cartilha, antes de o professor fazer a leitura das primeiras sentenças. De modo geral, essas estampas se referem a alguma informação que sintetiza ou que representa o assunto da historieta.

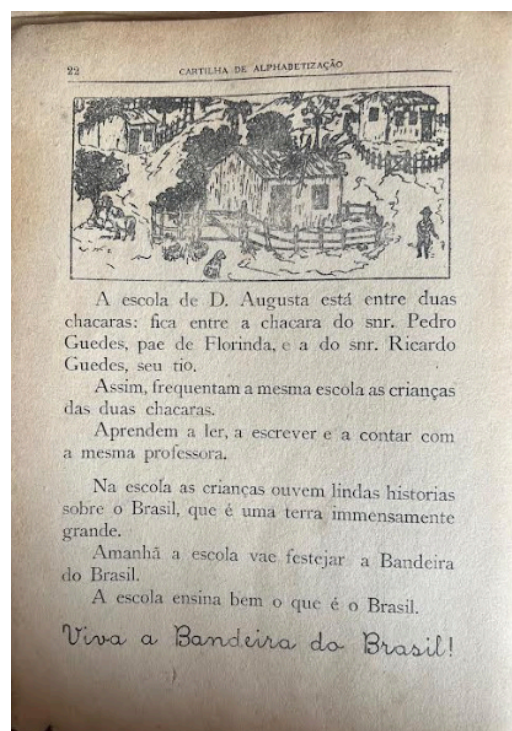


Figura 2 – Exemplo de estampa em *Cartilha de alfabetização* (1923)

Fonte: Acervo do NIPELL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura

Importante destacar também que as historietas nem sempre apresentam um título, especialmente na seção A, em que a exceção é a historieta da página 23, que recebe o nome de “A festa da bandeira”. Nas demais seções, há historietas com título e outras sem título. Também a cartilha se utiliza de uma fábula, “A raposa e as uvas”, e de poemas escritos por outros autores, como: “Um ninho”, “Minha vida” e “Nós três”, de Zalina Rolim; e “O boi”, de Olavo Bilac.

Em relação ao modo de processar o ensino da leitura em sua 1ª fase, conforme se apresenta na seção A da cartilha, as lições se iniciam pela apresentação da historieta, as quais, registradas no quadro negro, devem ser lidas pelas crianças, uma a uma, sentença por sentença.

Aqui está uma menina.
 Chama-se Florinda.
 É uma boa menina,
 filha de Dona Cecília.
 É muito bem educada.
 Florinda toma seu almoço,
 que é uma sopa de leite
 feita por sua boa mãe.
 Dona Cecília cuida muito bem de sua filha.
 Florinda quer muito bem sua mamãe.

Aqui está uma menina

(TOLOSA, 1923, p. 7, grifos do autor).

A partir da leitura, os professores devem fazer a análise das sentenças com a contagem e identificação das palavras para, depois, realizarem o “retrospecto” mediante o uso de mesmas palavras em lições distintas. Explica Tolosa (1923) que toda sentença lida pelo aluno deve ser repetida pelos professores como uma “confirmação útil e proveitosa á pronuncia correcta do que se fala e se diz em classe: é a educação do ouvido que se realiza paulatinamente com esse exercício diário de *calliphasia*, ou de correcta dicção” (p. 91, grifos do autor).

Explica Tolosa (1923) que essa marcha, seguida rigorosamente ao longo das 21 páginas da seção A, fará com que os alunos praticamente comecem a ler, o que permite iniciar a 2ª fase do ensino da leitura, focada na palavrção, com; a classificação de palavras conhecidas pelo número de sílabas; a classificação de palavras conhecidas pela sílaba inicial; e a classificação de palavras conhecidas pela sílaba final.

Sobre essa 2ª fase, apresentada na seção B da cartilha, Tolosa (1923) propõe lições estruturadas em torno de sentenças formadas a partir de palavras constantes nas historietas da seção A, de modo que essas sentenças sejam decompostas na análise das palavras.

Tolosa (1923) explica que as lições da 2ª fase devem ser lidas silenciosamente por todos os alunos e, em seguida, em voz alta por dois ou três deles. Após isso, as palavras destacadas da lição devem ser lidas em voz alta, uma a uma, por todos os alunos, com posterior exercício de análise. Veja-se como exemplo a lição abaixo:

acaba		Quem quebrou o bico do bule branco?
sabe		Quem furou a bola de borracha?
subi		O boi ajuda nos trabalhos do campo.
subo		A blusa de Clotilde tem dez botões.
bambú		O rato é um bicho malfeitor.

A palavra acaba tem tres partes: a ultima parte é ba, que se escreve com duas letras b-a; b é uma consoante labial; a é uma vogal pura.

Há seis vogaes: a, e, i, o u, y.

Para dizer be é preciso mover os lábios; be é um som labial brando.

Para dizer as vogaes a, e, i, o, u, y – basta abrir a bocca naturalmente.

(TOLOSA, 1923, p. 28-29)

Depois da leitura, seguindo as instruções abaixo das palavras e das sentenças, o professor deve explorar os aspectos fonéticos, nesse caso, as sílabas finais – ba, be, bi, bo, bu –, para, depois, pedir aos alunos descobrirem nas sentenças palavras compostas por essas mesmas sílabas – bico, bule, bola, borracha, boi, botões e bicho.

Ainda com relação à 2ª fase, Tolosa (1923) alerta que nunca devem ser apresentadas aos alunos as palavras fragmentadas em sílabas, devendo os exercícios de análise sempre incidir sobre o corpo da palavra.

Na última seção da cartilha, destinada também à 2ª fase, a da sentencição, o enfoque recai sobre a classificação das palavras conhecidas pelas flexões. Com isso, a linguagem oral, antes predominante na aprendizagem da leitura, deveria tornar-se auxiliar na aprendizagem da língua escrita. A partir das historietas que compõem essa seção deviam os alunos: lê-las; interpretá-las oralmente; copiá-las, escrevê-las de memória ou a partir de ditados; e utilizá-las como exemplo para outras composições.

Com isso, as lições enfocam, por exemplo: a significação de uso de algumas palavras, como os advérbios de negação ou de lugar; voltam-se à identificação de correspondência entre advérbios e locuções adverbiais; explora a contração de algumas preposições; aborda a diferenciação entre pronomes demonstrativos; demonstra a escrita correta dos numerais ordinais e cardinais; explica o grau diminutivo e aumentativo; e analisa a derivação de palavras substantivas.

Ao final das lições, Tolosa (1923) apresenta, como mencionei, algumas orientações sobre como praticar as lições da cartilha, além de dar direções gerais sobre o seu uso ao longo da alfabetização. Enfatiza que a cartilha deve ser o único livro utilizado ao longo do ano letivo, pois adapta o programa vigente à época às exigências de um impresso didático, sem desvirtuar o ensino analítico da leitura. Tolosa (1923) também pondera que pode ter escapado em *Cartilha de alfabetização* algumas orientações mais precisas ou detalhadas, o que seria revisto numa edição futura, produzida com mais calma, fato que nunca ocorreu.

Talvez a ausência de reedição tenha ocorrido pelo fato de a cartilha de Tolosa ter um caráter mais de orientação aos professores, um tipo de material de apoio, que “ensina a ensinar”, ao contrário de outras cartilhas, que explicitamente se destinavam ao uso dos alunos. O que possibilita presumir isso é, primeiro, a estrutura de *Cartilha de alfabetização*: embora a maior parte das páginas correspondam às lições a serem realizadas ao longo do ano letivo, apresenta uma interlocução direta com os professores, seja pela apresentação inicial, seja pelas orientações detalhadas sobre como cada lição deve ser conduzida. Segundo, o “systema” desenvolvido por Tolosa (1923) tem sua centralidade no quadro negro, inclusive, sendo orientado na cartilha que as lições nela contidas deveriam ser escritas pelo professor nesse artefato material, de modo que a partir dele que deveria ser feita a leitura. Ou seja, ainda que as lições pudessem ser feitas a partir da cartilha, a recomendação era para transcrição delas no quadro negro.

Apesar dessas características e da impressão em única edição, pode-se afirmar que *Cartilha de alfabetização* circulou por um período significativo, talvez mais entre os professores, tanto que permaneceu sendo recomendada pela Diretoria Geral da Instrução Pública por mais de uma década.

4. Tolosa: “apóstolo” do ensino da leitura pelo método analítico (algumas considerações finais)

Quando da efetivação da reforma do ensino instituída em 1920 no estado de São Paulo pela Lei n. 1.750, de 8 de dezembro¹⁷, o então Diretor Geral da Instrução Pública e autor da reforma, Sampaio Dória, em conferência realizada para a posse dos novos Delegados de Ensino, afirmou não ter dúvidas de que o método analítico para o ensino da leitura era “a verdade científica, o único que correspond[ia] às leis da percepção infantil” (DORIA, 1920, p. 4). No entanto, lamentava ele que, desde a disseminação do método a partir do final do século XIX, em função da falta de aparelhamento dos professores para a correta aplicação, apenas um ou outro intelectual permaneceu convicto e coerente com essa verdade, o que era o caso dos “apóstolos” Benedicto Maria de Tolosa e Theodoro de Moraes.

Essa menção, embora aparentemente despretensiosa e pontual, coloca Tolosa num lugar elevado no debate sobre o ensino da leitura, como uma espécie de autoridade quando o assunto era o melhor e mais científico método para se garantir a alfabetização das crianças nas décadas iniciais do século XX.

Menção com teor semelhante também se encontra no debate estabelecido na década de 1920 entre os professores Renato Jardim e Sud Menucci¹⁸, duas importantes figuras da administração educacional em São Paulo, quando esses travaram uma longa e polêmica disputa em torno do método analítico e sua coerência ou não com os pressupostos da escola ativa.

Em um dos artigos que produziu nesse debate, Renato Jardim, então diretor da Escola Normal de São Paulo, fez a seguinte consideração sobre Tolosa:

Seja-nos permitido a esta altura dizer, sem quebra do muito respeito que nos merecem os demais professores que tomaram parte neste debate, que de entre eles, a respeito de erros na interpretação dos fatos, **um trouxe maior contribuição para aclarar o assunto aqui tratado**, assunto em sua natureza claro, mas obscurecido por uma teoria fumarenta, como as brancas paredes de aposento que se ilumina a querosene. Esse é o professor Benedicto Tolosa. (JARDIM, 1924, p. 330, grifos meus).

Com isso, Renato Jardim apresenta uma análise detalhada do “methodo Tolosa”, o qual estava concretizado em *Cartilha de alfabetização*, mas também ensaiado nos artigos publicados por Tolosa entre 1917 e 1918 na *Revista de Ensino*.

Ainda que Renato Jardim aponte em sua análise alguns “vícios” da proposta de Tolosa, como o “embaraçoso princípio da directa associação do pensamento á escripta”, ou a inobservância da maior ou menor dificuldade com a ortografia de determinadas palavras, afirma que esse inspetor escolar produziu obra mais próxima do que se esperava coerente com a renovação da escola paulista, diferenciando-o de outros defensores do método analítico (JARDIM, 1924).

17 Dentre as mudanças estabelecidas por essa Lei, no que se refere especificamente ao ensino da leitura, em seu artigo 13, referente aos programas de ensino, ficou definida a “máxima autonomia didáctica” dos professores (SÃO PAULO, 1920), rompendo com a obrigatoriedade do uso do método analítico para o ensino da leitura, conforme instituído em 1910, por Oscar Thompson, quando de sua primeira gestão como Diretor Geral da Instrução Pública. Sobre esse aspecto, ver: Mortatti (2000).

18 Esse debate iniciou-se no âmbito da Sociedade de Educação, em 1924, com as defesas de Renato Jardim e Sud Menucci, de suas ideias divergentes sobre o uso do método analítico para o ensino da leitura e da inovação pedagógica presente no ensino primário paulista. Mais tarde, entre 1927 e 1930, ambos voltaram a debater sobre o assunto no âmbito da Associação Brasileira de Educação e da Sociedade de Educação, o que resultou na publicação de uma série de artigos na *Revista Educação* e no jornal *O Estado de S. Paulo* (esses também transcritos na *Revista Educação*). Nesse debate, Sud Menucci considerava ser a escola paulista do tipo “mista”, sendo o método analítico uma das melhores inovações presentes nela (MELLO, 2007). Renato Jardim, contrariamente, partia da ideia de que o método analítico não era ativo, nem a escola paulista dinâmica e ativa, mas conservadora, por isso defendia a sua renovação (MELLO, 2007). Sobre esse debate, ver: Mello (2007).

Essa espécie de reconhecimento sobre o “método Tolosa” decorre em grande medida dos investimentos feitos por esse professor, diretor e inspetor escolar para “reinventar-se” nas proposições em torno do ensino da leitura pela marcha analítica, não se fechando para a grama de reclamações que recebia ou para os insucessos que diagnosticava em suas inspeções.

Formado sob os auspícios da renovação pedagógica no estado de São Paulo e amplamente “contaminado” pelo entusiasmo em torno da necessidade de metodização do ensino da leitura pelas novas bases científicas da Pedagogia Moderna, Tolosa demonstra em seu início de carreira profissional proposições e orientações que caminham na direção do convencimento de seus pares sobre os benefícios do método analítico, tendo como “chancela” para isso os exemplos que observava e experimentava na Escola Modelo anexa à Escola Normal de São Paulo. Nesse período, final do século XIX, como explica Mortatti (2000), vivenciava a Instrução Pública Paulista o seu tempo “áureo”, marcado pelo entusiasmo em torno do método analítico como base da “nova bússola” da educação.

Pouco mais de uma década depois, num momento de “crescente desânimo ante a propalada decadência do ensino” (MORTATTI, 2000, p. 85), Tolosa, na condição de inspetor escolar, voltou a debruçar-se sobre o ensino da leitura, porém, com ênfase na orientação minuciosa e detalhada dos passos a serem seguidos pelos professores para se garantir o sucesso do ensino da leitura pelo método analítico. Acreditava ele que se os professores fossem melhor orientados as virtudes do métodos seriam atingidas.

Diante, porém, das reincidentes e recorrentes reclamações sobre a marcha analítica, direcionou suas reflexões no final da década de 1910 para a produção de um diagnóstico sobre o que causava a ineficiência do método, o que decorreu na formulação de proposições destinadas a corrigir os erros que ocasionavam essa ineficiência. Essas proposições ganharam corpo de um “systema” sobre como processar o método analítico ao longo de um ano letivo, materializado em *Cartilha de alfabetização*, obra-síntese da trajetória e das reflexões de Tolosa sobre o ensino da leitura.

Em face do exposto, pode-se observar que Tolosa manteve-se ao longo de quase quatro décadas de atuação profissional como um fiel defensor da superioridade do método analítico para o ensino da leitura, não sem deixar de atentar-se para as mudanças e as demandas do tempo em que se dedicou ao ofício “patriótico” de servir ao Governo na “grande empresa de alfabetização do nosso povo” (TOLOSA, 1923, p. 4). Conclui-se que, embora Tolosa compreenda figura até então pouquíssimo explorada ou simplesmente mencionada no âmbito da história da educação paulista, ele ocupa um lugar importante, decisivo e de destaque na tradição que se fundou durante a Primeira República em relação à hegemonia do método analítico como o melhor, o mais moderno e o mais científico para se ensinar a ler (MORTATTI, 2000). Por isso Tolosa é também figura importante para se compreender de modo mais detido e aprofundado a história da alfabetização no estado de São Paulo, de modo a contribuir para preencher algumas lacunas decorrentes da necessidade de estudos mais pontuais, como o que aqui se apresenta.

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. *Annaes da Câmara dos Deputados*. Sessões de 01 a 29 de setembro de 1906. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1907.

CATANI, D. B. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*. Bragança Paulista: EdUSF, 2003.

CHALOPA, R. F. S.; PEREIRA, M. A. F. Memórias e representações da inspeção escolar nos álbuns de fotografia de Luiz Damasco Penna (São Paulo, 1928-1959). *Cadernos de História da Educação*. v. 18, n. 3, set./dez. 2019.

- CORREIO PAULISTANO. Autorizou-se o dr. Diretor da Escola Normal... São Paulo, n. 10653, 30 mar. 1892.
- CORREIO PAULISTANO. Necrologia. São Paulo, n. 18871, 28 jan. 1916.
- CORREIO PAULISTANO. Professor Tolosa. São Paulo, n. 23105, 04 de dez. 1927.
- CORREIO PAULISTANO. Prof. Benedicto Maria Tolosa... São Paulo, n. 25743, 6 fev. 1940.
- CORREIO PAULISTANO. Homenagem a antigos professores da Escola "Caetano de Campos". São Paulo, n. 26584, 6 nov. 1942.
- DORIA, S. A reforma do ensino. A ideia dental da reforma; a autonomia didactica; as escolas de dois anos. *Correio Paulistano*. n. 20640, 16 dez. 1920.
- ESCHOLA PUBLICA, A. Ensaio de pedagogia prática. v. 1, n.1. jul. 1893.
- JARDIM, R. O chamado "methodo analytico" no ensino da leitura. *Revista Sociedade de Educação*. v. 2, n. 6, ju. 1924.
- MELLO, M. C. O. *A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943)*. 2007. 239f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2007.
- MENESES, M. F. Circulação dos professores diplomados na Escola Normal de São Paulo pela instrução pública (1890-1910). 2012. 273f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MONARCHA, C. *Escola normal da praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo: 1876-1994*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NÓVOA, A. A imprensa de Educação e Ensino: concepções e organização do repertório português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em Revista. A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- OLIVEIRA, F. R.; TREVISAN, T. A. Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918. *História da Educação*, v. 19, n. 45, jan./abr. 2015.
- PINTO, A. A. Contribuições da imprensa periódica especializada para os estudos em história da educação: a revista *A Eschola Publica* e as disputas pela hegemonia do campo educacional paulista (1893-1897). *Fronteiras: Revista de História*. v. 10, n. 18, jul. a dez. 2008.
- POLIANTEIA *Comemorativa do 1º centenário do Ensino Normal de São Paulo*. São Paulo: s.n., 1946.
- RAZZINI, M. G. P. São Paulo: cidade dos livros escolares. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2008).
- REIS, K. C. O. *Bibliografia de e sobre Benedicto Maria Tolosa ([187-]-1940): estudo introdutório*. 2015. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.
- SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Secretaria Parlamentar. Decreto n. 218, de 27 de novembro de 1893. São Paulo: Departamento de Documentação e informação, 1893. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1893/decreto-218-27.11.1893.html>
- SÃO PAULO (Estado). Inspeção Geral do Ensino. *Annunario do ensino do estado de São Paulo*. São Paulo: Typographia Augusto Siqueira, 1907-1908.
- SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Secretaria Parlamentar. Lei n. 1.750, de 8 de dezembro de 1920. São Paulo: Departamento de Documentação e Informação, 1920. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1920/lei-1750-08.12.1920.html>.

- SOUZA, R. F. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.
- TANURI, L. M. *O ensino normal no estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1979.
- TOLOSA, B. M. Um pouco de linguagem. *A Eschola Publica*. v. 1, n. 6, jan. 1894.
- TOLOSA, B. M. O ensino da leitura. *Revista de Ensino*. a. X, n. 2, set. 1911a.
- TOLOSA, B. M. O ensino da leitura. *Revista de Ensino*. a. X, n. 3, dez. 1911b.
- TOLOSA, B. M. O ensino da leitura. *Revista de Ensino*. a. XI, n. 1, mar. 1912.
- TOLOSA, B. M. Pedagogia prática: methodo analytico para o ensino da leitura a principiantes. *Revista de Ensino*. a. XVI, n. 1 e 2, jun. e set. 1917.
- TOLOSA, B. M. Pedagogia: o ensino da leitura pelo methodo analytico. *Revista de Ensino*. a. XVIII, n. 1 a 4, jun. a dez. 1918.
- TOLOSA, B. M. *Cartilha de Alfabetação*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.
- WARDE, M. J. Revistas de educação e ensino na historiografia da educação brasileira (1988 a 2021). In: WARDE, M. J.; OLIVEIRA, F. R. *História da educação: sujeitos, objetos e práticas*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022.

Recebido em: 01/11/2022

Aceito em: 21/11/2022